

Entre ecos e silêncios

Fragmentos da formação
do analista



Fernando Belissimo

Copyright ©2025 Fernando Belíssimo

Todos os direitos reservados.

ISBN nº 978-65-01-59405-7

Para Rosane, meu eterno e infinito amor!

Meu filho Lucas...

Minha filha Kalinka!

Ao Professor e Psicanalista Marcos Simões

In Memoriam:

David Coimbra

Henrique Belíssimo

INSPIRAÇÕES

“, ir para além do viés do aparentemente possível é o que nos faz humanos, nenhum homem brilhou, nenhum homem inovou por fazer aquilo que o status quo dizia que era possível. Só aqueles que acreditaram poder fazer o impossível, é que foram além disso e inovaram.” ***Mikhail Bakunin***

“...Volte seus olhos para dentro, contemple suas próprias profundezas, aprenda primeiro a conhecer-se.” ***Sigmund Freud***

“...Nunca tenha certeza de nada, porque a sabedoria começa com a dúvida.” ***Sigmund Freud***

“...O máximo de liberdade que o ser humano pode aspirar a prisão na qual quer viver! A liberdade é uma abstração! Diga-me qual é a sua tribo e eu direi qual é a sua clausura! Só há liberdade se sua vida for produzida por você mesmo.” ***Baruch Spinoza***

PREFÁCIO

Um grande convite ao saber!

É dessa forma que me senti ao ler este livro. Em cada página virada uma nova possibilidade de atravessar uma ponte suspensa entre o trabalho cirúrgico da teoria e a aventura da vida. Com uma escrita bastante singular, de fácil entendimento e alinhada com a transmissão da psicanálise, o Fernando conseguiu trazer a essência da psicanálise ao partilhar inquietações que são traduzidas em palavras. Cada capítulo, cada reflexão que compõem este livro transpassa da simples ideia de um texto acadêmico e repousa na escuta sensível, na tentativa ousada de tocar e expressar o indizível que pulsa, muitas vezes entre linhas e palavras, trazendo à tona a profundidade da clínica psicanalítica em concomitância com a existência cotidiana.

O Fernando consegue tirar a psicanálise de seu pedestal acadêmico e aristocrático e consegue trazê-la com destreza de um maestro regendo sua orquestra. A psicanálise não caminha no tempo nem no espaço, nem mesmo se compõe de fragmentos que se atraem, que se repelem e que se entrelaçam e, neste livro, o leitor é convidado a mergulhar em

sua própria imensidão para poder compreender estes conceitos que não são fáceis, mas que estão traduzidos de maneira organizada e clara, entre o dito e o não dito, entre o silêncio e o ruído, entre o que precede e o que sucede. É nesse limiar, nesse quase-não-lugar, que Fernando, com delicadeza e firmeza, nos convida a um profundo autoquestionamento: o que nos move? Que feridas, talvez inconscientes, insistimos em repetir? O que ecoa, sussurra ou ressoa em nós, vindos da infância distante, da intensidade do desejo ou da força inabalável da crença?

A estrutura deste livro nos permite atravessar e conectar os mais diversos registros. Da análise lacaniana instigante de uma “banana colada à parede”, que desafia o olhar e a percepção, à reflexão profunda sobre teologias contemporâneas e as angústias existenciais que permeiam nossa era, o que sustenta essa aparente multiplicidade de temas é uma fidelidade inegociável a uma ética da escuta. Uma ética que proclama que nenhuma dor, por menor que pareça, é banal, que nenhum afeto, por mais perturbador que seja, é descartável, e que nenhum sujeito, em sua singularidade irreduzível, pode ser resumido ou aprisionado a um mero diagnóstico.

Ler este livro é uma experiência a uma sessão de análise - é estar diante de alguém que, livremente associa, sem temer a dúvida, o julgamento, a própria escuta. É acolher a incerteza como parte inerente do processo de pensar. É um livro que desmonta conceitos estabelecidos, provoca o pensamento com questões incisivas, enfatiza a importância do escutar, mas não perde a compostura por aquilo que nos torna humanos. Esse texto é uma xícara de café que remete ao refletir e convida a repensar a perplexidade e a complexidade da vida e, sobretudo, traz o desejo insaciável e autêntico de compreender estes conceitos tão fundamentais para nossa vivência, ainda que o desejo pelo saber seja insaciável.

As explicações trazidas são claras, concisas e objetivas, de forma que leva o leitor a, de fato, compreender os maiores conceitos psicanalíticos. É um livro que remete a uma associação livre sobre cada tema abordado. Cada capítulo traz uma explicação dos principais pontos que serão abordados, o que facilita muito o entendimento do que o Fernando quer passar.

Assim, quem se propuser a ler esta obra com o desejo de respostas prontas, vai encontrar muito mais do

que isso - vai encontrar perguntas e reflexões profundas, que valem muito mais. Vai encontrar a chave das portas do inconsciente para pensamentos que podem trazer. A “Constante Inconsciente” é uma relação interessantíssima, diante da dinâmica da compreensão sobre como agimos, somos, pensamos e sentimos. Sempre haverá um inconsciente que estimula o consciente. Sempre haverá um porquê, pois na psicanálise nada é por acaso. Entre Ecos e Silêncios nos tornamos quem somos e somos que conseguimos ser com aquilo que temos. Valeu cada letra!

Este livro está realmente (Fernando) Belíssimo! Valeu cada letra!

Marcos Simoes

Psicanalista

Prefácio 2 – Como se fosse escrito por David Coimbra

Confesso: sempre achei que o Fernando era doido. Daqueles que falam com mais metáforas do que gente normal suporta. Que enxergam alma até na sombra do abajur. Mas, ainda assim, escutei — e me calei.

Porque, no fundo, ele estava certo.

Há quem escreva por vaidade, quem escreva por tédio, e há quem escreva porque precisa — como quem sangra. O Fernando escreve assim: entre o desespero e o encantamento.

Este livro, que agora você segura, é um mosaico da alma dele. Tem poesia, tem dor, tem ternura, tem revolta. Tem também aquela mania que ele tem de tentar entender o mundo por dentro, desmontando sentimentos como quem desmonta um velho rádio de pilha.

**Eu, se pudesse, estaria ao lado dele agora, rindo, discutindo, tomando um café e dizendo:
— Tu é louco, Fernando. Mas que baita livro tu escreveste.**

**Com afeto, ironia e um pouco de inveja,
David (onde quer que eu esteja).**

ÍNDICE

Sumário

<i>Prefácio 2 – Como se fosse escrito por David Coimbra</i>	9
<i>Introdução:</i>	13
PARTE 1 - PSICANÁLISES	14
I - Lacan e a Banana na Parede...	15
II - Funk, Sadismo e Psicanalise	19
III - A Psicanálise e o Poder	23
IV - O real! O verdadeiro! A psicose...	26
V - RELAÇÃO	30
VI - Tristeza, Depressão, Ansiedade	34
VII - A Psicanálise do Autismo	38
VIII - NEUROSE: RESPONSABILIDADE e CULPA... JULGAMENTO e PUNIÇÃO	41
IX - Perversão e Parafilia	45
X – Entre Letras e átomos: O Entrelaçamento Quântico como Metáfora do Sujeito na Psicanálise	49
XI – Psicanálise e Neurociência: Diálogos Possíveis Entre o Simbólico e o Biológico	53
XII – A Formação do Psicanalista	58
PARTE II - TEOLOGIAS	61
Oração da Tempestade	61
A Teologia da Dúvida	62
A Teologia da Legislação	63
Os 10 Mandamentos	64

<i>A Teologia da Denominação</i>	66
<i>A Teologia da Oposição</i>	67
<i>A Teologia da Pobreza</i>	67
<i>A Teologia da Prosperidade</i>	69
PARTE III: AMENIDADES	72
SWING ANIMAL	73
Poema Macabro	75
Oração da Tempestade	77
FINALMENTE:	79
Carta Póstuma – David Coimbra, Canalha eterno!!	81

Introdução:

Não sei exatamente quando começou minha formação como analista. Muito antes da primeira aula, já escutava confissões em tom baixo, olhares desviados, histórias que imploravam abrigo. Talvez tenha começado ali, quando percebi que havia algo de sagrado no gesto de escutar — não para responder, mas para sustentar.

Este livro é um caderno de fragmentos. Não obedece a uma cronologia nem se prende a categorias acadêmicas. É um reflexo de como me formei — e sigo me formando — no espaço entre a teoria e a vivência, entre a palavra e o afeto, entre o eco que ressoa e o silêncio que cura.

Há textos que nasceram de atendimentos, outros de noites insones. Alguns vieram de aulas, outros da vida. Todos carregam algo de mim — e algo daqueles que, com coragem, confiaram sua dor à minha escuta.

Escrevo este livro não para ensinar, mas para compartilhar. Para fazer companhia àqueles que, como eu, se reconhecem nesse ofício de escutar com o corpo inteiro, de sustentar o vazio, de acolher o que não cabe em diagnóstico.

Que cada leitor encontre aqui um espelho, um abrigo ou, quem sabe, uma pergunta.

Com escuta,
Fernando Belissimo

PARTE 1 - PSICANÁLISES

I - Lacan e a Banana na Parede...

Overview

O texto aborda a relação entre arte, psicanálise e poder através de diferentes temas, começando com a obra "Comedian" de Maurizio Cattelan e sua conexão com a teoria lacaniana, expandindo para reflexões sobre funk, sadismo, e o papel da música na expressão emocional. Em seguida, discute a natureza do poder e sua influência na psique humana, além da relação entre verdade e realidade, e os estados emocionais como tristeza, depressão e ansiedade. Por fim, explora a teologia e suas implicações na sociedade contemporânea.

A escultura "Comedian" ("comediante" em português), uma obra de Maurizio Castelan, que na verdade é, nada mais nada menos, que uma banana presa à uma parede por uma fita crepe prateada, foi vendida, em um leilão de arte, na casa de Leilões Sotheby's (Londres, Inglaterra), por 6,5 milhões de dólares. O arremate da epigrafada "obra" foi feito por um empresário chinês, um milionário de 34 anos, Justin Sun, cujo principal negócio é o investimento em cripto moedas (ele foi o fundador da plataforma Tron), que, alias, declarou que, segundo o G1 (obs "1"), irá "comer pessoalmente a banana como parte dessa experiência artística única, honrando se lugar tanto na história da arte quanto na cultura popular".

Mas o que que esta formidável piada caríssima tem em relação com nosso ilustre Jacques Lacan?

Primeiramente vamos definir, muito rapidamente, o trinômio Lacaniano:

- O Real: diferentemente do conceito contido no dicionário, o real Lacanianiano é o inimaginável, incomparável, O real é o sofrimento que, só quem sente, sente. É incompreensível, enigmático, angustiante ..., extravagante. O real é a frustração (pelo enigma que não se compreende)... o real, por ser “propriedade do rei”, é intocável. O real simplesmente é algo além das palavras, além da gramática.
- O simbólico: é o parâmetro externamente oferecido, defendido... é o ponto de comparação. O simbólico é o que estabelece estruturas, regras, leis... ele dá significância ao que se tem por sociedade. O simbólico é a metáfora e a metonímia.
- O imaginário: enquanto o simbólico compara, o imaginário define, identifica... imaginário se corresponde ao momento quando o sujeito percebe-se como tal, como indivíduo, como existente... o imaginário é o ‘...cogito, ergo sum...’ de Descartes... No imaginário o sujeito se identifica com as imagens do outro e, aí, constrói sua imagem, sua identificação diante do mundo .

Retornando a nossa polêmica obra de arte, “COMEDIAN”, a nossa presa banana na parede, a banana nos leva a “banalidade”, o desprezível, comum... a banana é o Real... a banana de U\$6,2 milhões é um deboche, é uma

gargalhada diante de uma sociedade neurótica, que luta em silêncio, que quer significância, portanto, acaba por “comer a banana!

Os U\$6,2 milhões de dólares (aproximadamente 38 milhões de reais...) alcançados pela “obra de arte”, é o simbólico, pois coloca em cheque os conceitos de preço (U\$6200000) com o conceito de valor (uma banana).

O imaginário, portanto, se refere a reação particular que esse leilão provocou aos diferentes sujeitos. Os assalariados, com renda mensal de cerca de 1 salário mínimo, imaginaram quanto poderia gastar por dia até completar o valor da obra (a saber, 2289 anos, aproximadamente). Muitos imaginaram-se no lugar do comprador do COMEDIAN e o poder que isso significaria, ..., a maioria, legitimamente indignada, tenta entender a distorção do real intocável que a riqueza proporciona, imaginam que o sujeito que arrematou a obra se coloca acima do bem e do mal, tripudiando sobre a sociedade que sofre. Ainda há o narcisismo declarado Justin Sun, o arrematador do COMEDIA, quando declara que ao “comer” a obra estará adquirindo seu espaço na história. A “COMEDIAN” expõe o capitalismo cru ao questionamento do significado da desigualdade, da indiferença. A COMEDIAN, ou melhor, o preço dela, questiona a diferença entre a lei e a justiça.

Mas e a arte?? É uma banana que se pendura em uma parede?? É comprável?? A arte, como diz o poeta, é porque a vida não é suficiente. Conforme Schopenhauer, referindo ao mundo marcado pela dor, a arte é uma fuga momentânea da imperfeição da vida. A arte surge como uma resposta ao real, oferecendo um instante de infinito. A insuficiência da vida, a finitude, o sofrimento, o real indiscutível, é compensada pela arte, que nos desloca, introduzindo-nos ao imaginário. O próprio Freud considerava a arte como uma forma de

sublimação, um processo no qual os desejos frustrados ou recalcados encontram-se como expressão de criações simbólicas. A arte era a única linguagem que Van Gogh conhecia para se relacionar com o mundo.

A arte está além da linguagem tradicional, quem sabe, é a própria linguagem dos “anjos”, citada nos Atos dos Apóstolos na ocasião do pentecostes... ela capta o indizível, o irrefutável, define o real. A arte seria a expressão do amor, quem sabe, a localização do inconsciente Freudiano.

Os trinômios estão presentes de forma frequente na história da humanidade, na igreja católica temos o pai, “criador supremo”, o filho, o “salvador” e o espírito santo, o justificador... na psicanálise, em Freud na sua primeira tópica apresenta-se o Ics (o inconsciente), o PCs (o pré consciente) e o Cs (o consciente) logo após propõe o id, o ego e o superego. Em Lacan, como vimos anteriormente, encontramos definidos o Real, o Simbólico e o Imaginário, como o tripé que fundamenta toda sua teoria.

Obs 1: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/11/21/famosa-banana-colada-na-parede-e-vendida-por-mais-de-r-35-milhoes-em-nova-york.ghtml> - em 26 de novembro de 2024.

II - Funk, Sadismo e Psicanalise

Nietzsche tinha uma visão multidisciplinar em relação a música, ele a considerava uma forma de expressão primordial, acima do conceitual, um meio transcendental de superação. Ele também via a música a expressão da vida, como a forma mais pura de expressão artística, a música estava “Acima do Bem e do Mal!”.

Nietzsche também criticava a visão cientificista e racionalista da vida em sua época, e via a música como uma forma de resistir a essa tendência. Ele acreditava que a música representava uma forma de conhecimento que estava além do racional e que chamava a atenção para a dimensão mais profunda e instintiva da experiência humana, então, vejamos:

Taca o Xerecão No Chão

MC Bosca

Vai quicando rebolando por cima só penetrada no teu
xerecão

De dou umas palmadas de deixo marcada a mão no
pescoço

É só botadão

É só botadão é só botadão

A mão no pescoço de deixa marcada só tapa na cara é
só botadão

Taca o xere xere xere xere xerecão no chão

Taca o xere xere xere xere xerecão no chão

...

Pobre Nietzsche. A estrofe (ou catástrofe) acima apresenta, o que poderia ser uma ode ao mau gosto: a letra de um “Funk”. A “música”, que mais parece um manifesto sobre a misoginia, oferece um vasto material para o estudo da perversão, com um forte direcionamento ao sadismo, não necessariamente ao sadismo individual, definido no estudo da perversão, mas um sadismo quase arquetípico, disseminando a violência sexual, criando um clima de agressividade e humilhação coletiva.

Tudo acontece em uma festa, o Baile Funk, onde o ideal seria a diversão, mas o que se oferece é, nada mais, nada menos, que um ambiente contaminado, onde o normal é a dor, a ofensa, o mal estar coletivo, um sadismo subcutâneo, pré-consciente, que submete os participantes a absoluta falta de empatia, uma verdadeira parafilia sonora.

O inconsciente coletivo desse movimento, parece submeter a comunidade a um “nonsense”, uma mescla que vai da música (?), passa pelo dialeto usado entre os iniciados e pelos automóveis com amplificadores potentíssimos irradiando o ruído, de forma a expelir ameaças, conforme LAPANCHE & PONTALIS: “(...)sadismo é tomado ali no sentido de uma agressão contra outrem; (...) o masoquismo corresponde a um retorno sobre a própria pessoa, da atividade em passividade.” (Vocabulário da Psicanálise, 1998, p. 467). Se o sadismo clássico se origina pela fixação da libido na fase anal, em função de alguma experiência traumática do indivíduo, como poderíamos definir essa perversão quando o público em questão se trata de uma numerosa caterva? É

como se o ID quebrasse a couraça protetora do EGO, e aprisionasse o SUPEREGO no seu lugar.

Semelhante a Nietzsche, Freud também tinha uma visão complexa, multifacetada da música. Para ele a música tinha uma relação emocional, profunda. Também defendia que a música era uma chave para o inconsciente, que poderia revelar aspectos ocultos da psique humana. Freud via a música como uma forma de representação, para ele, a música parecia expressar emoções de maneira mais direta que as outras formas de arte. Do ponto de vista psicanalítico, a música pode incorporar símbolos e metáforas que refletem em questões inconscientes.

O filósofo alemão Ernst Kurth defendia a ideia que a música tem qualidade independente, distinta das outras artes, que se baseiam na representação sensorial ou fenômenos do mundo real, é dele a frase: "... a música é a arte que não imita fenômeno algum...", isso remete a música ao inconsciente, tendo a letra como o simbólico, que opera semelhantemente a linguagem, uma linguagem de outra expressão, uma linguagem com acesso eficiente ao inconsciente.

Está claro que as letras do "Funk Proibido" são tal qual um "grito de guerra", onde jovens da periferia se observam representados. As expressões de vulgaridade, promiscuidade e violência, devem ser, sim, criticadas, mas, a partir daí, devemos afastar as interpretações simplistas e simplificadoras e adotar uma abordagem que busque entender os contextos da criação, com uma observação absolutamente imparcial, abolida de preconceitos.

A sociedade, de uma forma generalista, deve avaliar a mensagem do movimento “funk” como um grito de alerta, que gera ruído sobre aquilo que poderíamos chamar hipocrisia social: a favela cria a obra, mas o resto da população usufrui. Estamos, de certa forma, criando um conflito na “Dinâmica do Desejo”, pois o “Funk Proibido” refere-se ao Outro como alguém que nos deseja como se fossemos um objeto de uso e desuso, mais ou menos como define a sociedade de consumo (que nos trata como “consumíveis”), contrariando o que Lacan dizia: “- o desejo, é o desejo do outro...”, referindo que a busca do desejo é a relação com os outros. O “Funk Proibido”, ou seja, o funk periférico, retrata como essa parcela excluída da sociedade se sente em relação ao todo desta mesma sociedade, que corrompe, que criminaliza, que preconceitua, que divide em castas.

A psicanálise sempre nos convida a ouvir, pois assim podemos compreender as profundezas da experiência humana, no funk, o desejo e a dor se combinam de tal forma que, é impossível saber quando termina um para começar o outro... é o sujeito clamando por sua identidade em meio ao caos.

III - A Psicanálise e o Poder

Uma pergunta não quer calar, elefantes e humanos: levando-se em conta os primórdios das espécies, os elefantes estão no nosso planeta há cerca de 50 milhões de anos, enquanto que os humanos, há 4 milhões, o que levou ao surgimento da civilização humana ao invés de uma civilização “paquidérmica”? Nem a evolução Darwinista nem o criacionismo fanático são convincentes em suas explicações.

Os elefantes desenvolveram uma linguagem rudimentar, enquanto que os humanos possuem uma linguagem simbólica, extremamente sofisticada... até hoje, nenhum estudo foi definitivo para explicar essa questão. A intenção desse texto não é definir uma tese que justifique a capacidade cognitiva das espécies, mas sim, lançar uma análise a respeito da influência do Poder na psique humana e como a psicanálise lida com esse conceito.

Quando o humano partiu para a caminhada civilizatória, abdicou de uma parcela significativa da sua liberdade em função da necessidade de segurança. Criou leis, punições e castas: atribuiu Poder. Com o poder, também foi criada a corrupção (alguém já disse que “o Poder corrompe!”), as regras do jogo começaram a ser alteradas no “meio da partida”. O benefício próprio, ou da “casta” também se transformou em regra.

O Poder não é uma instituição a priori, ou seja, o poder não existe em si, ele sempre surge como um parâmetro para, do ponto de vista psicossocial, definir (via de regra, na forma de ameaça) quem pode mandar e quem deve obedecer. Nietzsche, em seu livro póstumo “A vontade de Poder”, esclarece justamente essa “força fundamental” que impulsiona a os seres vivos, não apenas buscando a sobrevivência, mas

também a realização, a ambição e o desejo de superioridade, para Nietzsche, a “Vontade de Poder” é a essência da vida.

Na psicanálise, quando Freud define o superego, contextualiza o Poder como o portador de capacidade de internalização das normas morais e sociais. Com o Id, Freud descreve uma instância que se opõe ao Poder instituído, uma vez que a função do Id leva o sujeito a ignorar e desafiar preceitos sociais, o Poder idílico é reacional, pois busca a satisfação pura e simples do desejo. Para Lacan, o Simbólico, que é o registro da linguagem e das normas, legitima o poder, confirmando nossa afirmação inicial: que o Poder é atribuído, por isso, não existe como uma entidade autônoma, no Imaginário, o sujeito busca se identificar com a figura de poder, que representa o sucesso e o prestígio.

A física, uma “ciência exata” por definição, fala sobre o Poder de forma muito peculiar, que está perfeitamente sincronizado com a opinião da Psicanálise. Para a Física, Poder é igual a Potência, e potência é a energia transferida no tempo, ou seja, potência elevada significa poder em pouco tempo (a instantaneidade, semelhante ao impulso idílico), já potência reduzida significa poder em um tempo longo. Podemos observar que a atuação do poder não se dá apenas pela intensidade desse, mas também pelo tempo no qual ele atua. Para esclarecermos melhor essa analogia, devemos, ainda, descrever o que ela conceitua por energia. Energia é a capacidade de realizar trabalho, e trabalho, nesse contexto, a possibilidade de alterar a situação do movimento ou de deformar um objeto. De forma análoga, podemos associar o Poder a um modelo de controle: pouco controle, em um tempo muito pequeno é igual ao comportamento idílico (totalmente inconsciente, impulsivo, instantâneo: Poder pessoal ...) que busca gratificação imediata. O poder do id pode ser “arrasador”. Do outro lado, teremos o controle atuando todo o

tempo, punindo os desvios, criando o “Sentimento de Culpa”, que controla a sociedade, estamos falando do Superego: parcialmente inconsciente e punitivo, gerador do Poder Social.

O Poder é uma “eminência Parda”, que julga e manda, criando um pseudo consenso “autoexplicativo”, isto é, ninguém sabe quem criou ou se foi criado, mas ele está ali para ser usado, não interessa o porquê.

Na verdade, certa “dose” de Poder é civilizatória, como já disse, retira uma parcela de liberdade, porém, acrescenta estabilidade social. Pensando de forma lacaniana, o Simbólico define e regula o poder, enquanto que o Imaginário traduz essa norma ao inconsciente social, “polindo” a aparência “fosca” e “adoçando” o amargor das regras. O real desnuda o poder instituído, mostrando a limitação e a corrupção das normas.

O poder é sempre ameaçador, nele está a raiz de todas as neuroses, todas psicoses e todas as perversões. No início era atribuído aos fisicamente mais fortes... logo a força física foi transferida para a capacidade cognitiva. Quando o homem começou a acumular bens, o poder foi direcionado àqueles que possuíam mais sobra. O poder sempre se ganha, mas, paradoxalmente, quem o dá, nunca o teve, portanto, alguém sempre perde algo nesse momento. Inexplicável, também, o fato que populações inteiras empoderaram de forma absurda seres do imaginário: deuses, ditadores, ídolos, totens e tabus.

Voltamos aos elefantes, como seria nossa terra se ao invés da humanidade, a “paquidermidade” tivesse se desenvolvido? E o movimento em prol da igualdade entre as aliás e os elefantes? Qual seria o tamanho de um divã...???

IV - O real! O verdadeiro! A psicose...

... o fogo era intenso, traumático, irreduzível... indômito, e fazia arder aquele lugar de forma indiscutível. Naquele instante, havia uma pergunta que suscitava várias respostas: “o que levou aquela pessoa cometer o desatino de imolar-se no interior daquele incêndio?”! As respostas eram multifacetadas, ecléticas. Alguns falavam na tristeza que o sujeito demonstrava, o diagnóstico era claro: “Depressão!”; outros afirmaram que ele tinha um comportamento esquizoide, dizia aos amigos que “as vozes” não paravam a lhe dar ordens sobre aquilo que havia acontecido (ou estava acontecendo).

Quando falamos do fogo e das suas consequências utilizamos palavras que indicavam uma situação definitiva, nada poderia mudar o fato de que o fogo queimaria, todos os argumentos são irrelevantes pois, o fogo queima e pronto!! O “Real”, referindo a um dos três registros fundamentais da teoria Lacaniana, não está vinculado ao conceito de realidade do senso comum, porém, está ajustado a nossa narrativa fictícia do primeiro parágrafo, uma vez que, ainda segundo Lacan, o real está associado ao que não pode ser controlado, tal qual a morte, que é definitiva, irrevogável, e, a priori. A propósito, o real também é morto e a priori.

No segundo plano, o das opiniões, observamos que múltiplas são as escolhas e, todas elas verdadeiras aos seus geradores, ou seja, a opinião é uma manifestação consciente do pensamento, e, portanto, depende de conceitos, do meio social, dos aspectos geográficos, dos dogmas, dos totens e dos tabus... isso significa que, verdade não é a priori, posto

que ela pode ser “fabricada” e é sempre dependente. A verdade, diferentemente da realidade, é particular, dessa forma, podemos estabelecer que o distanciamento entre a verdade e a realidade, quando não intencional, pode estar alinhada com a problemática psíquica. Em outras palavras, a realidade prescinde do pensamento, enquanto que a verdade não existe sem ele.

Nesse caso, a relação entre Ego e Id tem sua complexidade aumentada, onde o Ego, aparentemente “aprisionado” nas crenças do sujeito, fica fragilizado na sua função de mediador dos impulsos do Id com a realidade externa, transformando as manifestações do id como inquestionáveis.

O foco do nosso estudo, a relação da verdade e da realidade com a psicose, por exemplo, provoca, no sujeito, uma ruptura entre a verdade e a realidade, desencadeando delírios e/ou alucinações. O delírio é um estado confusional onde existe uma sobreposição desorganizada do pensamento sobre o sensorial, que pode ser causado pela submissão a crenças falsas, provocado por episódios de desilusão.

Na alucinação, o sujeito é submetido a uma percepção sensorial, sem que exista o estímulo externo, isto é, escutam-se sons (e vozes) que não existem, vê-se o inobservável, sente-se cheiros que não estão presentes.

São três as estruturas psicóticas: a esquizofrenia, a paranoia e a melancolia. Na esquizofrenia a cisão entre o Ego e o real é completa. Alucinações e delírios são comuns. Nela, segundo Laplanche e Pontalis,

“(...) a incoerência do pensamento, da ação e da afetividade (designada pelos termos clássicos discordância,

dissociação, desagregação), o afastamento da realidade com um dobrar-se sobre si mesmo e predominância de uma vida interior entregue às produções fantasísticas (autismo), uma atividade delirante mais ou menos acentuada e sempre mal sistematizada” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p. 158).

O aspecto cognitivo do esquizofrênico é comprometido de forma importante, então, a experiência extrassensorial é verdadeira para ele.

A paranoia, segundo a psicanálise, é concebida como um distúrbio psíquico onde sentimentos incontestáveis de perseguição (o paranoico tem certeza absoluta de tudo) e ameaça, sem qualquer fundamento lógico, acompanhado da certeza de um desfecho catastrófico iminente. Nesse caso, a defesa psicológica mais comum é a projeção, onde o sujeito transporta seus sentimentos, seu “lixo emocional”, seus “desejos indesejados” ao outro (ou outros).

A melancolia pode ser considerada a fronteira entre a neurose e a psicose. Esse distúrbio foi extensamente tratado por Freud (1917) em seu trabalho “Luto e Melancolia”. Na melancolia, a perda do objeto não é aceita (ou compreendida) causando uma ruptura com a realidade e uma profunda confusão do “Eu”.

Nos três casos, a distorção do pensamento é claramente observável, ou seja, o pensamento, ou melhor, a verdade (interior) particular, suplantou a realidade. O psicótico não

questiona, ele sempre tem certeza absoluta, e, muitas vezes, prejudica a geração de “auto provas”. No seu ver, o psicótico “remove montanhas”. O tratamento do psicótico deve ser pluridisciplinar: um psiquiatra preparando, quimicamente, o “terreno” para que o psicanalista “plante a semente” da razão para que o paciente usufrua dos “frutos”.

Nietzsche, em seu ensaio “Sobre a verdade e a mentira em sentido extra moral” (escrita em 1873, mas editada, postumamente, em 1896) definia a verdade da seguinte forma: “O que é a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos [...] em suma, uma soma de relações humanas que foram realçadas, transpostas e ornamentadas poeticamente e retoricamente”. Para Lacan, a linguagem é o transportador da verdade, onde ela é expressa, compreendida e ocultada, a linguagem, além de comunicar a verdade, ela também molda a verdade pessoal. Freud criticava a ideia de “uma” verdade universal, axiomática, para ele, a compreensão da verdade é afetada por variáveis pessoais e socioculturais. O problema da verdade e da realidade está resumida pela afirmação do apóstolo Paulo, em Hebreus 11:1, “a fé é o firme propósito das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se veem...”, ou seja, a ilusão e a certeza andam lado a lado com a psicose.

V - RELAÇÃO

A relação pode ser entendida de diferentes formas, dependendo do contexto em que é utilizada. De maneira geral, "relação" refere-se à conexão, interação ou associação entre duas ou mais entidades. Na engenharia elétrica, por exemplo, tem-se a ideia de "função de transferência" que analisa a relação entre a entrada e a saída de determinado circuito, ou seja, as entidades, após firmarem relação, são modificadas e, o ato relacional cria uma nova entidade que, preservadas as primordialidades das entidades originais, possui personalidade e características próprias e únicas (a mistura é, absolutamente, homogênea). Em outras palavras, todas as relações são significantes singulares, ou seja, conforme Lacan, o significado, do significante, depende da relação entre outros significantes.

O relacionamento é a premissa básica, a ação necessária para que um grupo de entidades (entenda grupo = 2 ou mais entidades) manifestem o ato de relacionar.

Nos alicerces da psicanálise, o ato relacional é conceitual. Na transferência a relação se instala entre o analista e o analisando, nesse momento, uma correspondência biunívoca se desenvolve entre analista e analisando, e o paciente transfere ao analista sentimentos de amor, confiança, raiva e dependência, criando um clima que, de certa forma, dá, ao analista, acesso ao inconsciente do inconsciente do analisando. Outro paradigma da psicanálise, a Livre Associação, também se estabelece no âmago da análise, o paciente é encorajado a deixar fluir, da forma mais básica possível, e associação (dessas associações).

Podemos, também, utilizar o modelo matemático para definir relação. Quando relacionamos estruturas matemáticas devemos, de antemão, nos fixarmos nas entidades existentes à esquerda e à direita do sinal “=” (igual). Esse símbolo afirma não, apenas, uma condição de similaridade, mas sim, de identidade absoluta, ou seja, ao apresentarmos uma equação do tipo: $A = B$, estamos afirmando, sem quaisquer alternativas, que “A” e “B” são, exata e absolutamente, a mesma entidade. Essa afirmação, assim como boa parte da matemática, é, sobremaneira, angustiante. Como, com quais argumentos, podemos sustentar que dois símbolos singulares (no nosso caso, a saber, “A” e “B”), que não possuem correspondência automática (do ponto de vista gramatical, “A” é uma sonora vogal e “B” uma carrancuda consoante), como correlacionar o díspar?

Eis nosso dilema: a relação, indiscutivelmente, existe, mas as entidades (ou seja, os dois lados do “igual” (=)). Como “ $A = B$ ” pode ser uma verdade se, na prática, “A” não é nem mesmo “sombra” de “B”, ou vice e versa? Vamos, para tentar explicar essa celeuma, recorrer, novamente, à uma ciência dita exata, nesse caso, a física. Na física temos o conceito de “constante” como os valores que descrevem as propriedades fundamentais (a priori) da natureza e, por isso, são consideradas universais.

Matematicamente falando, se as duas variáveis são consideradas iguais, então, o quociente entre elas deverá ser igual a unidade. Transformando essa afirmação em uma equação obtemos:

Se $A=B$, então $A/B = 1$ (a)

Não querendo abusar do pleonismo vicioso, mas nossa premissa sustenta que “A” e “B” são primordiais, singulares entre si, dessa maneira, o quociente entre “A” e “B” não será

igual a um, mas sim, igual a uma terceira entidade, a qual chamaremos “Constante Inconsciente” e simbolizaremos por “ ξ ”, que é a letra grega “csi” minúsculo. Assim, poderemos reescrever a equação (a) como:

Se $A=\xi \times B$, então $A/B = \xi$

Em outras palavras, reassumindo o dialeto da psicanálise, as entidades se interrelacionam porque, entre elas, existe uma constante de adaptação, nossa “Constante Inconsciente” (ξ), que equilibra as singularidades. Essa constante está além do “neurológico” (não está, portanto, no cérebro), poderíamos, inclusive, afirmar que ela faz parte do real de Jacques Lacan, mas, valendo-se do equacionamento matemático, podemos, então, sustentar que o relacionamento existe porque é possível um equilíbrio, um “ceder” de cada parte em direção a outra, um adaptar, nunca com a intenção de “complementar”, haja visto que somos seres completos, mas sim, de acrescentar uma nova parcela a cada entidade.

Disso podemos, então, definir que o relacionamento, quando estabelecido, cria uma nova entidade que, apesar de diferente das originais, cria uma vinculação entre elas. Não seria errado, portanto, afirmar que essa “constante relacional” (a “ ξ ”) traduz o objetivo da relação.

É a relação sexual que produz o ato que objetiva o orgasmo; a relação interpessoal, que desemboca no amor; a relação profissional, que incita o trabalho... é a transferência e a livre associação que desenvolve confiança entre analista e analisando; o processo do luto e o reconhecimento da castração, justificando o fim da análise... a relação, em última análise, é a destituição... a queda do trono do “sujeito suposto saber”.

Para relacionar é necessário conectar, ligar, comunicar, ..., descobrir e viver novas conexões. Relacionar é descobrir e

definir as ligações entre diferentes elementos, é entender a máxima Gestáltica, que afirma que a soma das partes é menor (mas, muito menor) que o todo ou ainda que, enquanto relacionamento, tudo é permitido, mas nada é obrigatório.

VI - Tristeza, Depressão, Ansiedade

Disse Nietzsche em Além do Bem e do Mal: “– O homem é o macaco que ri...”, se ri, é porque tem humor e, humor, segundo o dicionário da língua portuguesa, é a disposição de uma pessoa em relação a alguma coisa ou em algum momento, em outras palavras, o homem é um “macaco diferenciado” que possui uma característica única: é consciente de si mesmo. A complexidade da consciência oferece a experiência humana uma eclética gama de estados emocionais que, apesar de possuírem origens e impactos distintos sobre a psique, muitas vezes podem (e são) confundidos entre si.

Tristeza, depressão e ansiedade, este trabalho pretende apresentar as analogias e diferenças entre três tópicos. Primeiramente, uma metáfora (a mente humana é o clima, em constante transformação...):

1. A Tristeza: é uma chuva passageira (uma “chuva de verão), ela vem e vai, faz parte do ciclo natural da vida. Tal qual a chuva, a tristeza podem ser necessárias para regar o solo psíquico”.
2. A Depressão: a chuva deixou de ser passageira, agora, chove cântaros, a tempestade é densa, prolongada... as nuvens não parecem ter fim, não sobrou qualquer raio de sol. O sujeito se sente aprisionado nesse clima, sem qualquer perspectiva de mudança.
3. A Ansiedade: É um vento “impetuoso”, que sopra o tempo todo, o céu foi separado da terra das nuvens, que parecem não ter fim. E, esse vento, está entre a tempestade da depressão.

A Tristeza, que tem como causas a perda, o luto, a frustração..., é encontrada na irrelevância da fé, que remove

montanhas, mas não alegra a alma. A tristeza, por outro lado, é um afeto necessário e fundamental. Freud sugeria que o luto é um processo necessário para elaboração da perda, dando ao sujeito que sofre a possibilidade de ressignificar a relação com o objeto perdido. A Tristeza é finita, e, se bem elaborada, permite um retorno ao estado anterior do funcionamento psíquico, a tristeza, quando desenvolvida na infância, pode estabelecer um estado neurótico. A tristeza é real, não é um transtorno, não é nem tem sintomas, como disse o Chico: “- ...tristeza não tem fim, felicidade sim...”.

A Depressão, diferente da Tristeza, é um transtorno, por isso não possui um objeto concreto significante de uma perda. A Depressão não tem uma causa única, mas uma síndrome de sintomas psíquicos. A hipótese química da depressão, a “hipótese monoaminérgica”, sugere que a depressão está associada a déficit entre os neurotransmissores, a saber, serotonina, noradrenalina, dopamina e GABA. Todavia, muitos pacientes com depressão não apresentam déficits bioquímicos evidentes, ensejando fatores mais complexos envolvidos. Freud, em Luto e Melancolia, faz uma distinção entre esses dois estados. Enquanto no luto há uma dor real (a tristeza) diante da perda, na melancolia (a depressão) a perda é inconsciente, difusa, e o sujeito se identifica com o objeto perdido, voltando a agressividade contra si mesmo (masoquismo??). Lacan, posteriormente a Freud, acrescentou que a depressão poderia estar relacionada com a falta simbólica e a relação com o desejo do outro. O depressivo está preso à uma posição de “demanda impossível de ser satisfeita. O tratamento da depressão deve ser multidisciplinar, com a psiquiatria disponibilizando antidepressivos (ver obs.: 1) e a psicanálise dando ao sujeito a ressignificação da sua dor, encontrando novos sentidos para elaborar seus conflitos internos.

A Ansiedade é premonitória, ou seja, o ansioso vive no futuro, na desgraça iminente, no mal surpreendente. A ansiedade é a angústia do desejo. Freud a relaciona e o retorno do reprimido, e Lacan ao desejo e à falta (na frase “A angústia é o único afeto que não engana”, ou seja, a angústia surge como um sinal direto do Real, do que escapa ao simbólico). Da mesma forma que a depressão, pode ser sugerido que além da análise, o ansioso faça uso de ansiolíticos, em situações críticas (tais como o pânico, por exemplo), o que deve ser monitorado de forma muito criteriosa, uma vez que esse aparato químico pode acarretar dependência.

A Depressão, a Tristeza e a Ansiedade podem se “entrelaçar” criando uma complexa dinâmica psíquica, em outras palavras, uma tristeza mal elaborada pode evoluir para depressão, enquanto a ansiedade duradoura e constante pode exaurir o paciente, levando-o a estados depressivos. A Depressão pode mascarar a angústia latente, enquanto a ansiedade pode significar uma defesa do confronto entre uma verdade psíquica.

Obs.: 1 – Antidepressivos na atualidade:

- **ISRS (Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina)** → Exemplo: Fluoxetina, Sertralina, Escitalopram.
 - Bloqueiam a recaptação da serotonina, aumentando sua disponibilidade na fenda sináptica.
 - Melhora do humor e redução da ansiedade.
 - São os mais prescritos devido ao perfil de segurança.

- **IRSN (Inibidores da Recaptação de Serotonina e Noradrenalina)** → Exemplo: Venlafaxina, Duloxetina.
 - Aumentam serotonina e noradrenalina.
 - Indicados para depressão com fadiga e desmotivação.
- **Tricíclicos (ATC) e Inibidores da MAO (IMAO)** → Exemplo: Amitriptilina, Fenelzina.
 - Aumentam vários neurotransmissores simultaneamente.
 - São mais antigos e têm mais efeitos colaterais, mas ainda são eficazes em alguns casos graves.
- **Antagonistas do NMDA (Glutamato)** → Exemplo: Cetamina.
 - Regula o sistema glutamatérgico e tem ação rápida em casos graves.
 - Nova abordagem para depressão resistente.

=====

VII - A Psicanálise do Autismo

Singularidade é sinônimo de exceção. Mas o universo é feito de exceções, de tal forma que, ousar dizer, a singularidade é a própria regra. Na psicanálise, a ação do trinômio freudiano, o Ego, o Superego e o Id, age de forma absolutamente particular sobre o indivíduo, pois se trata de uma equação onde não conhecemos todas as variáveis, de tal maneira que, a despeito dos conceitos básicos, para cada analisando somos um novo psicanalista.

O estudo das psicoses nos introduz um novo mundo, ou melhor, cada psicótico vive, amparado por suas idiosincrasias, numa avalanche de delírios e alucinações, que se traduz em um mundo único, onde somente ele, o psicótico, cabe. A cisão presente nas psicoses, afasta o paciente da realidade, mas o mantém ciente de que seu corpo e sua psique se encontram no mesmo lugar.

E o autismo? Onde vive o autista? Ele delira? Ele alucina? Proponho pensar que o autista não vive em o que chamaríamos de “um mundo a parte”, mas sim, em um universo paralelo: num desses universos, o nosso universo Euclidiano, habita seu corpo, e no outro (ou outros), perpendicular ao Euclidiano, vive a mente do autista. Portanto, levanto mais um questionamento: “O autista alucina ou delira?”, a resposta não é simples. A mente do autista, parece habitar o mesmo local da caverna platônica. Melaine Klein, no caso do “Pequeno Dick”, embora não tenha o autismo infantil da esquizofrenia, descreve a falta de contato afetivo, reconhecendo características específicas de crianças autistas. Existe uma indicação que o autismo é uma síndrome congênita de origem genética, mas também há indícios que o ambiente pode facilitar o desenvolvimento do transtorno.

Freud considerava o autismo como uma “perda de contato com a realidade, ..., desvinculação do laço social... “. Para Lacan “... o autista é aquele que, apesar de estar na linguagem, não está no discurso... é uma defesa contra um mundo que é percebido como ameaçador e confuso...”. Tustin tratava a barreira autística (a falta de contato social, a tendência a repetições, a hipersensibilidade sensorial), como um “escudo protetor” da Sensação depressão “do buraco”.

Por definição, desde a década de 1980, conforme os manuais diagnósticos CID e DSM, o autismo não é considerado psicose (até essa época o autismo era chamado de “psicose infantil”). O autismo, na atualidade, é considerado um “distúrbio global do desenvolvimento”, em outras palavras, do ponto de vista da medicina, é a psiquiatria que cuida do autista, e o tratamento dispensado é sintomático. Na atualidade, o autismo é entendido como um conjunto de sintomas, ou seja, uma “síndrome”, dessa forma, ao invés de “doença” o autismo é considerado um transtorno, por isso a sigla TEA, que significa “Transtorno do Espectro Autista”.

A escuta psicanalítica, ao contrário da escuta médica ou pedagógica, não visa corrigir ou normalizar, mas **acolher a singularidade** do sujeito — inclusive (e sobretudo) quando ela se apresenta em formas que desafiam nossa compreensão ordinária da linguagem, do afeto e da realidade.

O autista, como nos alerta Lacan, **está na linguagem, mas não no discurso**. Ou seja, sua presença no simbólico é marcada por uma borda, por uma zona de exclusão e proteção, onde o sujeito constrói seu modo próprio de existir. Essa condição não exige decifração, mas **respeito**; não requer interpretação forçada, mas **presença analítica**.

Ao escutar o autismo, a psicanálise não busca atravessar a barreira, mas **reconhecê-la** — e, quem sabe, habitá-la junto

ao sujeito, mesmo que por breves instantes, na cadência possível do encontro. O autista não é um enigma a ser desvendado, mas um ser a ser escutado — em seus gestos, suas repetições, suas ausências de fala e, sobretudo, **em seus modos inventivos de lidar com o mundo**. Chego, inclusive, a questionar, se o autismo é um transtorno ou uma maneira de ser, uma maneira que não se decide, uma maneira que não se escolhe, uma maneira que se é. O autismo está para a saúde como a poesia está para nossa alma.

A clínica psicanalítica do autismo nos convida a um exercício radical de alteridade: escutar o que não parece ser dito, dar lugar ao que escapa ao laço social habitual, **aceitar o convite para habitar, por instantes, um universo paralelo**. Um universo onde a regra é a exceção, onde a lógica é outra, onde o tempo se dobra, onde o olhar não precisa do espelho para existir.

Se a psicanálise pode escutar o autismo, é porque ela própria **habita uma borda** entre ciência e arte, entre clínica e ética. E é justamente nesse espaço liminar que se dá o encontro: entre analista e analisando, entre sujeito e desejo, entre o real e sua invenção.

Escutar o autismo é escutar o humano em sua mais profunda estranheza. É abrir mão de certezas para fazer surgir uma presença. É não saber, e mesmo assim, estar lá.

VIII - NEUROSE: RESPONSABILIDADE e CULPA... JULGAMENTO e PUNIÇÃO

Em sua segunda tópica. Sigmund Freud, apresenta a psiquê humana separada em três instâncias: o Superego, o Id e o Ego.

O Id é o desejo primordial, totalmente inconsciente, ele é o impulso, o instinto, o contraventor. Ele é marginal, representa o prazer definitivo, a arte, a vontade, a verdade obscura, a vontade incondicional.

Em contrapartida, o Superego representa a moral, as normas, a lei e os preconceitos. Ele define o que é e o que deveria ser, é o incitador da vergonha, criador da culpa, o Juiz, ..., o censor.

Já o Ego é o intermediário, aquele que define a porção consciente do ser, o contrabalanço da ordem e do desejo (nem isso, nem aquilo). Poderíamos dizer que o EGO é morno, nem ao céu nem ao inferno: é o purgatório... ele é a média ponderada entre as ações do SUPEREGO e o ID.

Analogamente a um sistema vetorial de forças, essas três instâncias exercem influências mútuas entre si, sendo o ID e o SUPEREGO vetores com direções contrárias, enquanto que o EGO é o vetor resultante da ação dos outros dois.

O sujeito nasce "ID" puro, em outras palavras, sua natureza é totalmente inconsciente. Sua função é manter a vida, com a satisfação instantânea e imediata de todas suas necessidades, sua ação é sempre impulsiva, a instantaneidade faz com que seu tempo seja sempre presente. É o fósforo aceso dentro do barril de pólvora.

Durante o início da infância, aos poucos, a criança vai se identificando com os pais e, ainda de forma inconsciente, vai internalizando as regras e expectativas do mundo exterior. Essa internalização cria a consciência moral, surge o SUPEREGO.

A luta incessante das duas instâncias inconscientes primordiais na infância. Por volta dos dois anos de idade, provoca o aparecimento da terceira instância: o EGO. Lacan, quando conceitua o “Estádio do Espelho”, quando a criança se reconhece na imagem do espelho ou em outras imagens refletidas. Esse instante refere-se ao momento crucial do desenvolvimento psíquico infantil a formação do “Eu” (EGO). O EGO, a única instância consciente,

A doença emocional, nada mais é, que a perturbação inconsciente causa pela infundável batalha entre o SUPEREGO e o ID.

Nesse trabalho, investigaremos algumas facetas do surgimento da Neurose.

Primeiramente, definimos TRAUMA, do grego: ferida (τρώμα), é frequentemente usada para descrever experiências altamente estressantes, tais como, desastres naturais, violência, abuso, etc... e que podem definir perturbações psicológicas.

O resultado do trauma é a NEUROSE. O trauma((τρώμα) está para neurose como a ferida está para infecção, ou seja, o efeito do trauma é a geração da psicopatologia primordial: a NEUROSE. Segundo Lacan, a linguagem é fundamental para formação da consciência e da identidade do sujeito e, a distorção dela, com o TRAUMA, provoca o desenvolvimento da NEUROSE,

A forma como a linguagem é interpretada pelo sujeito, define a sistemática da ação da NEUROSE. A seguir, analisaremos alguns exemplos do efeito das distorções da linguagem, no desenvolvimento da psicopatologia.

- Responsabilidade x Culpa: enquanto RESPONSABILIDADE (que é definida no tempo passado) é o ato da capacidade de oferecer repostas. A responsabilidade produz compromisso e reparação, a CULPA, que é o resultado do julgamento, é definida no tempo presente, e gera a vítima, que é o alvo da CULPA. A CULPA cria Santos e Vilões. Em outras palavras, a CULPA simplifica e autoriza o processo do sofrimento, uma vez que o culpado foi julgado e sentenciado (de forma sumária) pelo “Tribunal do Inconsciente”, sendo, nesse caso, o ID a promotoria e o SUPEREGO o juiz (evidentemente, o EGO será o “julgado”) ...
- Punição x Vingança: a VINGANÇA se refere a uma reação sumária, de retribuição (por vezes desmedida) do mal sofrido como uma forma de “restaurar a Justiça”. Pesquisas clínicas relacionam a “disposição Vingativa” a condições de perturbação da saúde, tais como: o estresse pós traumático, a morbidez psiquiátrica, ... de outra forma, a PUNIÇÃO é o processo no qual reduz-se a possibilidade de determinada resposta voltar a ocorrer, é a recriminação feita com o objetivo da reparação (responsabilização), Conforme Skinner, a punição ocorre como consequência pela apresentação de um estímulo aversivo.
- Reagir x Revidar: REAGIR nada mais é que uma resposta interna a uma ação externa. Normalmente a reação (agir novamente) é uma resposta automática, no mais das vezes, uma resposta, instintiva com o foco

na proteção. Já REVIDAR está arraigada a ideia de VINGANÇA, ou seja, pensando analogamente ao direito criminal, a REAÇÃO é a legítima defesa, no máximo a culpabilidade, ..., já a REVIDAÇÃO é o dolo, a intenção, o planejamento, uma resposta aumentada. O ato de revidar está dirigido a ideia do *lucro* oferecido pela VINGANÇA.

- Poder x Autoridade: a palavra AUTORIDADE tem origem latina “auctoritas” (de autor, criador) que deriva do verbo “augere” que significa “aumentar, fazer crescer”. AUTORIDADE, dessa forma, se refere a legitimidade no liderar, a capacidade de influenciar e ser obedecido. PODER também tem origem no Latim “potere”, que significa “ter força”, “capacidade de reforçar”. A autoridade é consensual acordada, consentida, unânime). O PODER não existe por si, ele é fornecido, impingido.
- Ouvir x Escutar: ouvir é a impressão causada aos sentidos em relação aos sons, e a reação sensorial ao ruído, enquanto ESCUTAR é dar atenção e significa ao som, é perceber o significado... apreender com o som. A base da consulta PSICANALÍTICA é a ESCUTA... enquanto que o simples OUVIR está enraizado no processo de desenvolvimento da NEUROSE.

Concluimos, então, que a PSICANÁLISE é, indiscutivelmente, a mais eficiente metodologia psicoterápica para o tratamento de NEUROSES e, a imputação da CULPA, é a base do processo neurótico.

IX - Perversão e Parafilia

Sigmund Freud, Jacques Lacan, Jesus Cristo, Albert Einstein e Sócrates: dificilmente, em qualquer grupo de pessoas, alguém não conheça, no mínimo dois desses personagens. A obra de Freud, por exemplo, mesmo aos não adeptos a psicanálise, é considerado um dos melhores (quem sabe, o melhor) referencial sobre a psiquê humana da história. Freud é didático, conciso, ..., preciso!! O conceito de humanidade e do comportamento sexual deveria ser compreendido entre dois marcos: AF, antes de Freud e DF, depois de Freud.

A base das manifestações psicopatológicas, segundo Freud, está contida nos conceitos contidos no trinômio: Neurose, Psicose e Perversão. Nesse estudo tentaremos sintetizar e atualizar a ideia da Perversão ou, mais recentemente, Parafilia.

Primeiramente, algumas definições importantes. Perversão, do latim *perversio.onis*: desvio, corrupção, inversão, resumindo, desviar do curso original ou ação de contrariar as leis da natureza (sic) e da vida moral (duplo “sic”). Já Parafilia, vem do grego: Para (além de) e philia (amor, atração), portanto, o dicionário da língua portuguesa define parafilia como “distúrbio sexual ou psíquico pela busca do prazer em práticas disfuncionais, persistentes, obsessivas, que não se restringem, apenas, ao ato sexual”, ou seja, parafilia é um termo descritivo e científico, usado para se referir a interesses sexuais atípicos, sem, necessariamente, julgar se são bons ou ruins e, só é considerado transtorno se causar sofrimento ou envolver danos a terceiros. Uma terceira definição polêmica, porém, de importância sumária, o substantivo “normal”, que remonta do latim, significa “pertencente a uma regra”, ou ainda “conformidade”, “padrão”, referente à “média” ... Na estatística, normal, ou distribuição normal, tem, na sua definição, referência à simetria, ou seja, que a distribuição

normal é simétrica em torno da média, isso significa que a média, a mediana e a moda são todas iguais, em outras palavras: normal é o que aí acontece.

Retornando a psicanálise, vamos lembrar o que encontramos, na página 432, do livro “Vocabulário da Psicanálise”, de Laplanche e Pontalis, a respeito da Perversão: “- ... Perversão é o desvio em relação ao ato sexual normal, definindo esse como o coito que visa a obtenção do orgasmo, por penetração genital em uma pessoa do sexo oposto...”.

Atualmente, a ideia do “normal moral” tem sido abandonada da nosologia, ou seja, a visão antiga da Psicanálise Clássica e das teorias médicas ancestrais nas quais a Perversão era vista como um desvio patológico, sem a compreensão que utilizamos hoje entre comportamento atípicos e transtornos. A perspectiva científica da clínica médica, se afastou da abordagem moralista, favorecendo uma aceção mais abrangente e menos condenatória da diversidade sexual. A psicanálise, que, graças a Freud, sempre foi vanguarda, vê a “normalidade” como uma construção dinâmica, que varia de pessoa para pessoa, de cultura para cultura.

Para Freud, a perversão não era algo, necessariamente, limitado a moralidade ou ao juízo de valor, ao invés disso, ele abordava a perversão através da perspectiva do desenvolvimento psicosssexual. Ele identificou que há, em todos os indivíduos, uma sexualidade infantil, e que na infância ocorrem diversas formas de prazer que não estão ligadas a genitalidade. Portanto, a perversão, em Freud, não é apenas entendida como uma “anormalidade”, mas como uma parte integral da condição humana associada a complexidade das pulsões e ao desenvolvimento psicosssexual. É um conceito clínico dentro do seu arcabouço teórico, mais do que algo definido juridicamente ou moralmente.

Já Jacques Lacan, vê a perversão como algo que está intimamente ligado à sua teoria estrutural do inconsciente e às relações da com a Lei e o desejo. Para ele, a perversão não é um conjunto de pensamentos problemáticos ou imorais, trata-se, isso sim, de uma “relação particular do sujeito com a Lei e o desejo, que se manifesta distinto das outras estruturas”. Quando Lacan fala de perversão, ele se refere mais a “posição subjetiva do sujeito “do que aos atos em si. Não é o comportamento que define o perverso, mas a estrutura psíquica que o orienta. Em outras palavras, alguém pode ter comportamentos que seriam considerados "perversos" moral ou socialmente, sem que seja estruturalmente perverso no sentido psicanalítico.

Um clássico exemplo da abstração da perversão é o homossexualismo. Até 1973 era considerada doença, um transtorno mental quando, nesse ano, a “Associação Americana de Psiquiatria” (APA) retira do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Somente em 1987 é que qualquer referência a homossexualidade como transtorno foi completamente retirada. Entretanto, na classificação internacional de doenças (CID) da OMS (Organização Mundial da Saúde), a homossexualidade só foi removida das definições de doença e transtorno mental em 17 de maio de 1990. Até essa data, pasmem, existiam “tratamentos para homossexualidade” (isso tudo sem remontar o período da “Santa Inquisição”, quando a Igreja Católica torturava e assassinava homossexuais como “seres demoníacos”, hereges).

Freud via a homossexualidade como uma variação do desenvolvimento psicosssexual, mas não a considerava um transtorno mental. Embora seu modelo fosse influenciado por noções de desvio e fixação, ele rejeitava a ideia de "cura" ou patologização da homossexualidade, o que o tornava

relativamente progressista para sua época. Ele argumentava que a homossexualidade sempre existiu e que grandes figuras da história, como Platão e Leonardo da Vinci, eram homossexuais. Para Jacques Lacan, a homossexualidade não era tratada como uma patologia, mas sim como uma posição subjetiva dentro da estrutura do desejo. Diferente de Freud, que via a homossexualidade como um possível "desvio" do desenvolvimento psicosexual, Lacan abordou a questão de maneira mais estruturalista e simbólica, dentro de sua teoria do desejo e da função paterna.

Relembrando Bakunin, para quem somente é possível vivenciar o desenvolvimento pessoal, social e intelectual na liberdade, mas, não na liberdade outorgada pelo estado, mas sim, pela liberdade absoluta, a priori. Assim, os conceitos da sexualidade humana devem ser preservados, uma vez que a nossa espécie é a única, conhecida, que pratica sexo sem a intenção de procriar... Sejamos livres e, dessa forma, seremos saudáveis.

X – Entre Letras e átomos: O Entrelaçamento Quântico como Metáfora do Sujeito na Psicanálise

“O todo é maior que a Soma das Partes.” – Fritz Perll

Esta máxima gestáltica ecoa clínica e filosoficamente e ultrapassa os limites da sua escola de origem. Nesse trabalho, coloco em diálogo, duas estruturas de importância sumária ao estudo da Psicanálise: a Linguagem e o Inconsciente.

Vamos pensar em letras como partículas mínimas no campo simbólico. Milhares delas (uma verdadeira “sopa de letrinhas”) todas juntas, afastadas de qualquer significante, dessa forma, não são, nada mais, que símbolos gráficos... que, por sua vez, não dizem nada.

Agora vamos dispor essas letras com premissas da fonética e da gramática... vamos transformá-las em palavras, ..., logo após frases e, finalmente textos que, por sua vez, ultrapassam a soma das suas partes. O sentido não se revela nas letras, mas no jogo entre elas. E, assim como nas partículas da física quântica, as letras não são apenas entidades isoladas (são indivisíveis) , mas agentes relacionais – só existem em função de suas conexões.

Esoterismos desqualificados a parte, me ocorreu: Seria possível pensar o entrelaçamento quântico como uma metáfora para o funcionamento do inconsciente? Na física moderna, o entrelaçamento quântico descreve uma dada condição em duas partículas, ainda que separadas por uma distância considerável, mantém uma conexão, de tal forma que o estado de uma afeta, instantaneamente, o estado da

outra, isso desafia a lei da causalidade e da separabilidade e coloca uma questão sobre a física relativística, na qual o conceito de instantaneidade é limitado pela velocidade da luz.

Na Psicanálise, o Inconsciente também desafia o binômio “espaço-tempo” (ele não é localizável no plano cartesiano). Um trauma infantil, recalcado há décadas, pode emergir na análise como um afeto atual, ou seja, como um sintoma. O sujeito está, de certa forma, “entrelaçado” com sua própria história, com o desejo do outro, com significantes que o marcam antes mesmo dele nascer – como lembra Lacan: “– o Inconsciente é estruturado como uma linguagem...”.

O entrelaçamento também pode ser pensado no plano da Transferência: o analisando e o analista compartilham um campo simbólico de afetos, fantasias e identificações, que circulam, muitas vezes, sem palavras. Há um laço invisível, real, que ultrapassa o que é dito, e se revela na repetição, no silêncio, na resistência... no sonho.

Da mesma forma que no mundo quântico, na qual a observação modifica o observado, na análise, a escuta altera o sujeito. A fala que emerge do teatro analítico não apenas enunciado: é ato (concreto). Para usar uma expressão típica da mecânica quântica, ela (a análise) “colapsa” para um campo de significações possíveis sem um sentido único, particular (singular), construído no momento da enunciação.

Dessa forma, a partir disso, podemos arriscar a seguinte hipótese: o sujeito do inconsciente não é um ente estável, fixo, mas uma imagem, ou uma configuração, momentânea, em um infinitésimo de tempo, de entrelaçamentos simbólicos e, porque não dizer, afetivos. Ele é, tal qual uma partícula quântica, uma potência de estados, indivisível, descontínua, um “vir a ser” que se atualiza na linguagem e na relação.

Como diria Lacan, a respeito do sujeito do inconsciente: “ele fala onde não sabe e sabe onde não fala”.

Dessa forma, portanto, o sujeito, não pode ser reduzido a soma de seus traços, seus sintomas, suas lembranças. Ele é mais, ou melhor, muito mais. Esse “muito mias” talvez esteja, justamente, no espaço entre o entrelaçamento indivisível que sustenta sua existência, sua singularidade, e clama por escuta... por ser escutado.

Para Lacan, a letra é o “traço mínimo significante”, que pode carregar uma marca, um gozo, um trauma. A letra está “entrelaçada” ao corpo do sujeito, à pulsão, ao desejo. No universo quântico, a partícula também carrega uma informação que só se revela quando relacionada a outra (o sujeito e o outro), em outras palavras, Lacan redefiniu o conceito de Sujeito, quando afirma não é um ser “sólido”, descontínuo, ele, o sujeito é fundamentalmente dividido e estruturado pela linguagem... ele é o efeito de um emaranhando de significantes que o perpassa. O sujeito existe enquanto se relaciona com o outro, sendo que essa relação é fundamental para formação do inconsciente. A psicanálise lacaniana define dois tipos de “Outro”:

- O grande Outro (o “maiúsculo”): é o agonista do sujeito, na linguagem é o local das normas (o protótipo do Superego freudiano);
- O outro (agora minúsculo): referindo-se ao campo do imaginário, ao relacionamento interpessoal.

Apesar de não seguir o método de Francis Bacon(1564 – 1642) podemos afirmar que sim, a psicanálise é ciência, por isso, gostaria de salientar que esse trabalho, como citado no início, é uma metáfora, tentando criar analogias entre ela e a física, nenhum momento, se apropriar dos conceitos complexos, com o rigor matemático e experimental que

descrevem a mecânica quântica, colaborando, dessa forma, com a desinformação causada por aquilo que conhecemos como “misticismo quântico”, que reproduz uma massa de afirmações não comprováveis, criando um clima de “fé religiosa”, a qual o imaginário dos crentes não questiona, pois tem certeza.

XI – Psicanálise e Neurociência: Diálogos Possíveis Entre o Simbólico e o Biológico

Introdução

Sigmund Schlomo Freud: nasceu em 06 de maio de 1856, em Freiberg in Mähren (Áustria, na época); e morreu, na Inglaterra, em Londres, a 23 de setembro de 1939, ingressou na faculdade de medicina aos 17 anos e com 25 anos concluiu a especialização em Neurologia.

Tal qual água e óleo, que não se misturam, a Psicanálise e a Neurociência, durante décadas, pareceram habitar universos paralelos inconciliáveis (imisturável). Enquanto a primeira se dedica à escuta do inconsciente, ao desejo e à linguagem que atravessa o sujeito, a segunda busca compreender os fenômenos mentais a partir das estruturas químicas e elétricas do cérebro. Contudo, com o avanço das pesquisas interdisciplinares, surge uma necessidade contemporânea: não mais escolher entre uma ou outra abordagem, mas buscar articulações possíveis que contribuam para um entendimento mais abrangente da experiência humana.

Neste trabalho, proponho uma reflexão sobre cinco aspectos em que o saber psicanalítico e os achados neurocientíficos podem dialogar de maneira produtiva. Partindo da recepção sensorial e da filtragem de informações pelo cérebro, passando pelas figuras de linguagem, pelos impulsos inconscientes, até a formação das normas morais, a proposta é estabelecer pontes — e não hierarquias — entre o simbólico e o biológico, respeitando a especificidade de cada campo.

1. Percepção, filtragem e o inconsciente perceptivo

A mente consciente é apenas a ponta conhecida do iceberg do processamento cerebral. Estima-se que o cérebro humano receba cerca de **11 milhões de bits por segundo** de informação sensorial, mas apenas cerca de **40 a 100 bits** são processados conscientemente. O restante é filtrado, descartado ou armazenado de forma inconsciente. Essa seleção ocorre através de mecanismos neurobiológicos e cognitivos que priorizam a relevância para a sobrevivência, o contexto emocional e as experiências anteriores.

Do ponto de vista da Psicanálise, esse processo de filtragem ressoa com os conceitos de **recalque**, **resistência** e **pré-consciente**. Nem tudo o que é percebido é admitido pela consciência, e parte significativa do conteúdo sensorial pode ser interpretada, distorcida ou recalcada, especialmente quando entra em conflito com os desejos inconscientes. Assim, o que chamamos de "realidade percebida" é, em grande parte, uma construção simbólica e filtrada — tanto biologicamente quanto psíquica e socialmente.

2. Figuras de linguagem: metonímia e elipse no cérebro e no discurso

A linguagem é uma das interfaces mais ricas entre Psicanálise e Neurociência. Lacan afirmou que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” — e entre as operações inconscientes, destacam-se **a metáfora** e **a metonímia**. Na elipse, temos a omissão de elementos cuja ausência precisa ser preenchida pelo interlocutor, criando lacunas de sentido.

Estudos neurocientíficos mostram que o cérebro humano tem capacidade para **inferir significados ocultos, completar sentidos, e decodificar substituições simbólicas**, mesmo diante de enunciados ambíguos ou fragmentados. O hemisfério direito, por exemplo, está mais envolvido com a interpretação de metáforas, ironias e sentidos implícitos. Isso sugere que o cérebro opera de modo próximo à lógica do inconsciente: ele não se limita ao literal, mas trabalha com deslocamentos e substituições — tal como os sonhos, os lapsos e os sintomas descritos por Freud.

3. O cérebro e o inconsciente: existe um id neurológico?

O conceito freudiano de **id** representa a instância psíquica das pulsões, dos desejos primitivos, da energia libidinal sem censura. Seria possível localizar, no cérebro, algum correlato dessa atividade?

Embora não se possa reduzir o id a uma área cerebral, é possível traçar paralelos com **estruturas do sistema límbico**, como o hipotálamo, a amígdala e o núcleo accumbens, envolvidas na regulação de instintos, emoções e recompensas. Essas áreas atuam de forma rápida, automática e inconsciente — impulsionando comportamentos antes mesmo da deliberação consciente.

A Psicanálise insiste na ideia de que o inconsciente não é apenas um repositório de conteúdos reprimidos, mas um **modo de funcionamento psíquico** que permeia toda a subjetividade. A Neurociência, por sua vez, mostra que uma vasta porção das decisões humanas ocorre fora da consciência. Assim, pode-se afirmar que existe, sim, um inconsciente cerebral — que, embora não seja equivalente ao inconsciente psicanalítico, oferece um terreno fértil para analogias e aprofundamentos.

4. O cérebro e a internalização das normas: o superego neurológico

O **superego**, na teoria freudiana, é a instância psíquica que representa a internalização das proibições parentais e das normas sociais. É ele quem censura os desejos do id e exige o cumprimento de padrões morais. Na perspectiva neurológica, é possível identificar o **córtex pré-frontal ventromedial** como responsável pelo julgamento moral, pela empatia e pela tomada de decisões éticas.

Estudos com pacientes que sofreram lesões nessa área revelam mudanças profundas no comportamento social e moral — tornando-os impulsivos, indiferentes a regras e insensíveis ao sofrimento alheio. Isso nos permite pensar que o superego, embora simbolicamente construído na infância através da relação com o Outro, encontra respaldo em estruturas neurais que são treinadas e moduladas ao longo da vida social.

Assim como o superego não nasce conosco, mas se constitui pela cultura e pela linguagem, também essas áreas do cérebro são **moldadas pela experiência social e afetiva**, demonstrando uma correspondência interessante entre formação subjetiva e neurodesenvolvimento.

5. Considerações finais: pontes, não equivalências

Este trabalho buscou traçar possíveis articulações entre a Psicanálise e a Neurociência, sem reduzir uma à outra. A Psicanálise trata do sujeito do desejo, da fala, da fantasia; a Neurociência, do funcionamento cerebral, das conexões sinápticas e dos circuitos de processamento. Ambas são

necessárias — e, quando dialogam com respeito e profundidade, oferecem novas possibilidades para pensar o ser humano em sua complexidade.

Se é verdade que o inconsciente freudiano não se localiza no cérebro como uma estrutura anatômica, também é verdade que há **ressonâncias importantes** entre os processos psíquicos e os achados neurológicos. Ao reconhecer essas aproximações, abrimos espaço para uma clínica mais integrada, uma escuta mais ampla e um saber mais ético — que não se contenta com reducionismos, mas busca escutar o humano em todas as suas dimensões.

XII – A Formação do Psicanalista

Disse Espinosa: “... Parecerá, sem dúvida, surpreendente que eu me disponha a tratar dos defeitos e das tolices dos homens (...), e que eu queira demonstrar (...) aquilo que eles não param de proclamar como algo que, além de vão, absurdo e horrendo, se opõe à razão...”.

Segundo qualquer dicionário da língua portuguesa, *formação* é o ato de atribuir forma, de modificar algo conforme um molde. Formamos sólidos, líquidos e gases. Cada estado da matéria obedece a leis e limites distintos. Essa imagem pode nos servir como uma metáfora potente para compreendermos os elementos que compõem a constituição psíquica do sujeito, e, por extensão, do próprio psicanalista em formação.

Na Psicanálise — do grego *psique* (*psychein* = soprar) e *análise* (exame minucioso do todo complexo por meio de sua decomposição em partes elementares) — vemos uma dinâmica constante entre essas formas. O Superego pode ser visto como o sólido: rígido, inflexível, pouco adaptável. Já o Ego representa o líquido, que se molda ao amálgama das exigências do Superego e, ao mesmo tempo, tenta responder às pulsões do Id, este último comparável ao estado gasoso: volátil, expansivo, moldando-se ao ambiente, e por vezes, tentando transbordar seus limites.

Mas o que é, afinal, a formação do psicanalista? Como se constitui esse sujeito que escuta? Como se transmite esse saber que não se ensina nos moldes convencionais?

Neste texto, pretendo apresentar algumas reflexões sobre essa travessia: a de tornar-se psicanalista. Em outras palavras, trata-se de pensar como o saber da psicanálise é *transmitido* (ou melhor, *experenciado*) e de que forma o sujeito se constitui como analista. Aqui, não estamos falando apenas de uma profissão, mas de uma posição subjetiva.

Antes de haver um professor, há um mestre. O conhecimento precede o mestre, e o mestre precede o professor. O professor é o profissional que ensina — que dá forma. Mas o mestre reforma, ajusta, desconstrói e convida à reconstrução. O mestre não entrega respostas, mas instiga perguntas. Na formação do analista, mais do que transmitir conceitos, trata-se de provocar deslocamentos.

Não existem analistas *a priori*, e a ideia de que alguém nasce com um “dom” natural para a escuta é, na melhor das hipóteses, uma fantasia narcísica. Para haver formação, há de haver treino, travessia, tropeços e, acima de tudo, desejo — não o desejo de *curar*, mas o desejo de *analisar*. A tríade freudiana ainda é a base mínima para essa construção. O “psicanalisando” que deseja tornar-se analista deve:

- a)** Apreender os conceitos fundamentais da teoria psicanalítica, o que implica não apenas memorizá-los, mas deixá-los atravessar seu próprio discurso;
- b)** Submeter-se à prática clínica supervisionada por alguém que detenha não apenas experiência, mas também uma escuta ética;
- c)** Manter-se em análise durante todo o tempo em que desejar analisar outros — pois, como dizia Lacan, o analista se autoriza de si mesmo, mas isso só se dá no campo do desejo, não da vaidade.

Lacan, aliás, foi quem mais enfatizou a singularidade desse percurso. Segundo ele, não há uma formação objetiva do analista — não há diploma ou curso que possa garantir que alguém é analista. E, ainda assim, analistas existem. Isso nos remete a um paradoxo central da formação: é preciso sustentar o vazio de não saber, para que um saber outro emergja.

A psicanálise, por definição, não se apoia na tirania do saber institucionalizado. Ao mesmo tempo, recusa a “santificação” do analista — como se esse fosse um ser separado, quase sagrado (*santo*, do grego: separado), vivendo num universo paralelo, ou, quem sabe, perpendicular ao mundo dos analisantes. O analista não é um sacerdote do inconsciente, tampouco um guru da escuta. Ele é, antes, um sujeito que passou pela experiência de ser analisado, que se deparou com seu próprio sintoma e que, ao invés de recuar, decidiu escutá-lo.

Conforme Lacan, “o psicanalista só se autoriza de si mesmo e de alguns outros”. Essa frase, ao mesmo tempo enigmática e reveladora, aponta para a ideia de que a autorização analítica não se dá por decreto institucional, mas por um processo ético e subjetivo. Em 1967, Lacan propôs a criação do “Passe” — um dispositivo destinado justamente a investigar essa passagem: a do analisante que, ao final de sua análise, passa a ocupar a posição de analista. O candidato ao passe (o “passante”) prestava um testemunho sobre sua análise a dois analistas “passadores”, que então levavam esse relato a um júri qualificado. A ideia era verificar, não a “qualidade técnica” do futuro analista, mas algo da ordem do atravessamento subjetivo: o que se perdeu, o que se transformou, o que restou da experiência analítica?

A formação do psicanalista, portanto, não é uma formação como outra qualquer. Não há apostila, nem fórmula. É preciso viver, escutar, cair, levantar e continuar desejando. O desejo de saber, de escutar e de não se deixar capturar pela fantasia de completude é, talvez, o que melhor define essa travessia.

O analista em formação é, antes de tudo, um sujeito em constante (de)formação.

PARTE II - TEOLOGIAS

Oração da Tempestade

As vezes chove tanto,
E, sem nada para fazer,
Talvez se virarmos sapos
Teremos moscas para comer...

Chuvas, ventos e moscas:
São lamúrias de gemer,
Vidas com almas toscas,
Só nos fazem envelhecer!

Um cego, um pobre, um estudante,
Um elefante, um rato e um boi...
Um homem, um menino um amante:
Nunca seremos o que jamais se foi...

Vida molhada em seca morte,
Nos põe reflexos dialéticos,
Nos fez viver a qualquer sorte...
Olhos vazios, perfis estéticos.

Tão pouco se vive a morte,
Nada poderemos lamentar,
Um martelo que esmague, uma faca que corte:
Chuvas, moscas... olhos a lacrimejar!

Bendita seja a serpente,
Que nos salvou do paraíso:
Um lugar pobre, decadente...
(Que fiquem os céus com o prejuízo).

Fim de chuva, sol nascente,
Não queremos este prejuízo,
Um amante cego, rato decadente...
E a serpente? Para sempre no paraíso.

A Teologia da Dúvida

Quando era professor do ensino médio, na primeira aula, após uma breve apresentação, dirigia uma pergunta aos alunos: “ – Quantas vezes 1 é maior que zero???”... Uma pergunta, aparentemente, com um direcionamento puramente matemático, mas com um viés poderosamente metafísico.

Se pensarmos o “Zero” como o “nada” e o “1” como “algo”, entraríamos no debate do criacionismo versus evolucionismo, ou seja, como se sai do nada para o algo??? “... no princípio Deus criou o céu e a terra...”, mas, e antes do princípio??? E antes do “Big Bang”??? A própria ciência não tem resposta, tem, somente, hipóteses, eu diria, “chistes”.

Estamos diante de um impasse, de uma relação “causa, causa”: a máxima cartesiana “...penso, logo, existo...”, mas o que é existir??? As coisas e as pessoas mudam e, porém, permanecem as mesmas coisas e as mesmas pessoas (??)... somos criados para depender!! Quando crianças, dependemos dos pais ou tutores, crescemos e passamos a depender do emprego, da família, dos governos, da polícia e, finalmente, de Deus (ou deuses). Criamos Deus a nossa imagem e semelhança, e não poderia ser diferente. Criamos religiões. Cristãos evangélicos, protestantes ou católicos; Hindus; Judeus; Muçulmanos; ateus: todos crentes, todos a procura de explicações... Mas, e daí, se foi criado, quem (como e porque) criou? Se evoluiu, evoluiu a partir de (ou do) que? Houve design inteligente?? Obra do acaso?? Estatística pura?? Tudo isso é necessário?? Útil??

E a verdade versus realidade??? A realidade é a priori, incontestável... refere-se ao estado das coisas independente de percepções, crenças ou paradigmas, o “real” lacaniano é intocável, inacessível. Já a verdade depende de uma correspondência, uma comparação... deve ser coerente com

um conjunto de crenças, a verdade é corporativa. A realidade é retórica, enquanto a verdade, dialética...

Mas, e deus...? Ele é responsável pelo π , está por trás do número de **Euler**. Deus não é linear, é quântico, é indivisível, eterno e infinito. Mas, se é onisciente, é corresponsável pelo holocausto de judeus, maias e astecas? Autorizou o projeto Manhattan explodir centenas de milhares de japoneses? É onipotente, portanto, tudo pode, porém, praticamente nada faz. Mas, se “Ele” pode, porque deveria fazer? Ele criou tudo, inclusive a dicotomia: bem e mal, daí ele poderia ser bom..., certo e errado, daí seria o detentor da lei...

A Teologia da Legislação

Iraque: eis o local onde foram escritos os dois primeiros códigos do direito moderno, o primeiro deles, o código de Ur-Nammu na cidade de UR e o código de Hamurabi, por volta de 1700 AC, na Babilônia. Mais adiante, os 10 mandamentos, segundo a Bíblia (livro, capítulo, versículo), foram entregues a Moisés por volta do século XIII (1300-1201) AC, no monte Sinai, atualmente no Egito. Os Evangelhos, escritos, possivelmente, em meados do século I DC, também tem sua origem no oriente médio, não se sabe exatamente se na Síria, na Palestina ou “arredores”.

Como a base desse capítulo trata da “Teologia da Explicação”, vamos nos deter, principalmente aos relatos da Bíblia. O pentateuco, também conhecido como Torá, , possivelmente escrito por Moisés, e traz o resumo a história do povo judeu e define sua religião. Nele encontramos aquilo que mais se assemelha a um código do direito moderno: os 10 Mandamentos. Como falamos há pouco, entre 1300 e 1201 AC, Moisés recebeu de Yahweh (YHWN), conforme Deuteronômio 5 e Êxodo 20, no Monte Sinai (península do Sinai, atualmente,

Egito) duas tábuas contendo as exigências de Deus para com o seu povo. A saber:

Os 10 Mandamentos

1. "Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim."
(Êxodo 20:2-3)

2. "Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te inclinarás a elas, nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem," (Êxodo 20:4-5)

3. "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão."
(Êxodo 20:7)

4. "Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que nele há, e no sétimo dia descansou; portanto, o Senhor abençoou o dia do sábado e o santificou."
(Êxodo 20:8-11)

5. "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá." (Êxodo 20:12)

6. "Não matarás." (Êxodo 20:13)

7. "Não adulterarás." (Êxodo 20:14)

8. "Não furtarás." (Êxodo 20:15)

9. "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo." (Êxodo 20:16)

10. "Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo." (Êxodo 20:17)

Nos 4 primeiros mandamentos, de cunho claramente nacionalista, o legislador deixa bem claro que ele é a única referência a ser observada, ele, o imperador, o rei, não admite comparações ou questionamentos. Ele exige fidelidade absoluta e exclusiva. No segundo mandamento, deixa claro quais serão as punições que serão enfrentadas. Os mandamentos 7 e 9 referem-se a a abominação a mentira. Observe que, no sétimo mandamento, o autor refere-se a "... não adulterarás..", suscitando uma informação duplamente vinculada, ou seja, se pensarmos em adulterarás, como "não fraudarás", temos um tópico claro em referência a proibição de atos corruptos, todavia, se ligarmos o "adulterarás" ao adultério (que é o significado preferido da maioria dos tradutores) o significado se transforma, de qualquer forma, a questão é a proibição da mentira.

O quinto mandamento, uma aceção a proteção da família original, possui uma ameaça circunscrita, aparentemente o legislador associa a possibilidade de, como diria o Sr Spock, "...vida longa e próspera..." à obediência e à preservação das tradições.

Os mandamentos 6, 8 e 10 definem alguns crimes contra a vida e contra a propriedade. Um comentário a respeito do décimo: primeiramente a possibilidade de escravidão está subentendida: "nem seu servo nem sua serva..." e compara seus escravos aos seus animais e a sua produção: "... nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa

alguma do teu próximo.”. Notamos, também, o carácter misógino quando diz: “... não cobiçarás a mulher do teu próximo...”, nesse trecho a mulher é apresentada como propriedade, no mesmo patamar do servo, da serva, do jumento e do boi.

A Teologia da Denominação

A Bíblia é, para muitos, o “Livro Texto” da vida... para mim, uma enciclopédia de respeito que relata, de forma metafórica, a história de um povo. São 66 livros: 39 no Antigo Testamento (1200 aC – 165 aC) e 27 no Novo Testamento (50 d.C. – 100 d.C.), cujo o personagem principal apresenta duas personalidades absolutamente distintas. Nos primeiros 39 o protagonista se apresentava com 6 nomes¹ distintos: Yahweh (Eu sou Aquele que é), Elohim (o criador e governante de tudo), El Shaddai (o Deus da Montanha, o soberano), Adonai (O Senhor, demonstrando a soberania e a autoridade de Deus), El Elyon (Deus Altíssimo, o maior entre todos os outros deuses) e Jehovah Jireh (O Senhor proverá). No segundo, apenas um: Jesus Cristo (Iesous, que é a forma grega de Yeshua, que significa a salvação, e Christos, o ungido, o Messias, o prometido). O (ou “Os”) do antigo é um deus feroz, intimidador (Yahweh), vaidoso e quem sabe até orgulhoso de ser “O Deus” (El Elyon), enquanto que o do novo, um deus leve, amigo das crianças, humilde, conciliador... preocupado (e ocupado)!

¹ Mais alguns nomes de Deus: Jehovah Rapha: “O Senhor que cura”, Jehovah Nissi: “O Senhor é minha bandeira”, Jehovah Shalom: “O Senhor é a paz”, Jehovah Sabaoth: “O Senhor dos Exércitos”, Jehovah Rohi: “O Senhor é o meu pastor”, Jehovah Tsidkenu: “O Senhor é a nossa justiça”

A Teologia da Oposição

A igreja do Antigo Testamento é, basicamente, a Igreja do povo Judeu sendo o Pentateuco (ou Tora) os livros que seguem: Gênesis, fala da criação, do pecado original, dos patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó); Êxodo conta a saída do povo de Israel do Egito, a passagem pelo Mar Vermelho e os 10 Mandamentos; Levítico sobre as leis e os rituais para os israelitas; Números, sobre a peregrinação na busca da Terra Prometida e os censos; por fim, Deuteronômio, apresentando uma revisão na lei judaica e a entrada na Terra Prometida, ou Canaã, que hoje é o Estado de Israel e a Palestina (Cisjordânia e Faixa de Gaza).

O Novo Testamento, cujo personagem principal, que não deixou Dúvidas, é Jesus Cristo. Ele tem a clara intenção de criar uma religião generalista, participativa, universal: o Cristianismo. Os primeiros séculos que sucederam a morte de Cristo, esboçaram o surgimento de diversas religiões cristianistas.

A Teologia da Pobreza

No antigo testamento encontramos a história de um povo guerreiro, em busca da Canaã, uma terra de fartura e prosperidade...

Já o Novo Testamento trata não de um povo, mas de diversos povos, oprimidos e relegados ao segundo (ou terceiro)

plano da história, esse povo se reuniu ao redor do Cristo, auto denominado filho de Deus, que pregava a graça da pobreza (" - ... mais fácil é um camelo passar pelo furo da agulha que um rico entrar no reino dos céus... Mateus 19:24"), que falava da virtude da simplicidade (" - ... E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam, ..., Eu, contudo, vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles." Mateus 6: 28-29).

Essa dicotomia é absolutamente conflituosa, instigante, De um lado, um Deus Guerreiro, dominador, imperialista, que definia leis inquestionáveis e diametrais, cujo conceito de propriedade e dominação era claramente exaltado... Do outro lado, outro Deus, com corpo humano, enfrentava as "guerras" com parábolas (Veja em Mateus 8:20: " - E disse Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.") , andava de pés descalços ou sandalhas de pescador... não reconhecia a propriedade... enfim, um pré anarquista. Ele era um pacifista (Mateus 5:38-48: ("Vós ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao mal; antes, a quem te ferir na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo, e tomar a tua roupa, deixa-lhe também a capa; e a quem te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.")), que pregava o amor ao próximo como a máxima do bem viver (Mateus 22:34-40: Ouve, pois, ó Israel: o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças. Este é o primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.") e se opunha de forma clara a autoridade (Mateus 21: 12-13)

A Teologia da Prosperidade

O movimento Pentecostal e Neopentecostal.

Nem religião, nem tradição: a Páscoa é calculada de acordo com o primeiro domingo após a lua cheia que ocorre depois do equinócio da primavera, dessa forma, a Páscoa pode acontecer entre 22 de março e 25 de abril... Já o Pentecostes, que estava ligado a Festa das Semanas (Shavout), era uma celebração judaica, que relembra a entrega dos 10 mandamentos, por Deus a Moisés, no Monte Sinai. Esse evento ocorria 50 dias após a Páscoa (Passagem), que comemorava o Êxodo, ou seja, a libertação do povo judeu, quando, orientado por Moisés, abandona o Egito, atravessando o Mar Vermelho. No novo mandamento, no livro dos Atos dos Apóstolos 1 e 2 ou em 1 Coríntios 16:8, o Pentecostes relata o “Batismo no Espírito Santo”, quando os apóstolos e outro grupo de discípulos de Jesus, passaram a usufruir, segundo o apóstolo Paulo (ver 1 Coríntios 12) dos “dons”² do Espírito Santo, a saber:

1. **Fé:** Confiança especial em Deus e em Suas promessas.
2. **Cura:** A capacidade de curar doenças e enfermidades.
3. **Milagres:** Fazer coisas sobrenaturais que vão além das leis da natureza.
4. **Profecia:** Falar em nome de Deus, trazendo mensagens de edificação, exortação ou consolo.
5. **Discernimento de espíritos:** Capacidade de distinguir entre o que é de Deus e o que não é.
6. **Línguas:** A capacidade de falar em idiomas que não se conhecem, especialmente em contextos de adoração.

² Na tradição cristã, os dons do Espírito Santo são os seguintes: Sabedoria: veras coisas sob a perspectiva de Deus; Entendimento: habilidade de discernir a vontade de Deus; Conselho: Capacidade de reconhecer a direção de Deus; Ciência:

7. Interpretação de línguas: A capacidade de interpretar os idiomas falados por outros em um contexto de adoração.

Resumindo, a partir daquele momento, além do batismo nas “Águas”, simbolizando o renascimento do crente (que agora estava convertido) estava instituído o “Batismo no Espírito Santo”, onde o crente adquiria “super poderes” para encaminhar a pregação com eficiência.

No século XVIII ocorreu, na América do Norte, o movimento que se denominou “O Grande Avivamento”, onde pregadores como Jonathan Edwards e George Whitefield, promoveram uma nova épica religiosa, que enfatizava a experiência pessoal da conversão, a leitura da Bíblia (dando ênfase a interpretações tendenciosas) e a oração. Desse movimento surgiu a igreja Metodista, fundada por John Wesley, que enfatizava a santidade pessoal, a experiência religiosa interior e a missão social, que foram a base para o “Segundo Grande Avivamento” (meados do século XIX).

O Pentecostalismo, que surgiu em Los Angelesⁱ, no início do século XX, caracterizou-se pela ênfase no “Batismo do Espírito Santo”, com os dons espirituais (principalmente o “falar em línguas”, que na verdade, ninguém entendia uma palavra sequer...) com cultos “teatralescos”, que acarretou no surgimento de uma quantidade muito grande de denominações.

O Neopentecostalismo, surgido no final do século XX e “viralizando” no século XXI, com uma dialética semelhante a dos cultos afro-brasileiros, , enfatiza o crescimento pessoal, a “teologia da prosperidade”, e a devida fidelidade ao dízimo, as batalhas espirituais entre a igreja e o inferno, com cultos

vibrantes e milagres ocorrendo as pencas... A igreja, que desde o século IV já era um bom negócio (vide Vaticano), transformou-se no comércio mais estrondosamente eficiente da história... agora, ao invés de, somente, vender indulgências, comercializavam todo o tipo de mágica milagrosa, interpretando a bíblia da forma mais conveniente ao negócio, agora o “milagre” dependia, tão somente, quanto o “congregado” estava disposto a investir...

PARTE III: AMENIDADES

SWING ANIMAL

Esta é uma história de amor
De três estranhos amantes:
Compartilhavam a mesma cama,
Uma minúscula formiguinha
E dois enormes elefantes...
A formiga não parava,
Toda noite era uma orgia,
Inventava posições que,
Sem sombra de dúvidas,
Kama Sutra Coraria.
As famílias eram contra
A esta vida depravada,
Tanta luxúria junta:
Dois frágeis elefantes,
E uma formiguinha tarada.
Mas, o doce amargou,
Daquele Ménage Trois,
Quando surgiu, de repente,
Na vida dos três amantes,

Um garboso Tamanduá.
E as brigas começaram,
Por mais incrível que pareça,
A insaciável formiguinha,
Alegava aos elefantes:
“- hoje não, estou com dor de cabeça”!
Os elefantes enlouqueciam:
Seu amor tinham perdido,
A formiga os trocara
por um belo Tamanduá:
Um industrial próspero e bem-sucedido.
E a tragédia chegou ao fim:
Um suicídio aconteceu,
O outro entregou-se ao vício,
E a formiguinha? Bem,
A formiguinha o Tamanduá comeu!!

Poema Macabro

A luz apagou,
O gato correu,
Passarinho voou
E, o morto morreu!!

Morreu sem no bolso um vintém
Viveu um luxurioso desatino
Queria usufruir do além,
Então seu eterno destino.

Foi um velório sem trombetas,
Era uma morte anunciada...
Ele estava de cueca e camiseta...
Em meio a uma desaconselhável balada...

Mortas de todas as procedências,
Feitios, gestos e cores,
Foi repousar sua indecência,
Naortiça de muitos sabores.

Ouvimos toadas do quinto,
Era o breve defunto em prantos,
Não era verdade, mas não minto,
Ele perdera seus encantos.

Estrebuchado no chão, lá estava...
Quase em lágrimas transformado,
Disse que morto não mais ficava,
(Sua mortiça o tinha abandonado)!

Mas que bela mortiça indecente,
Com queria passar a eternidade,

No seu caixãozinho bem quente,
Produzindo todo o tipo de obscenidade!!

O morto gemia, escalafobético,
Pois sua mortíça nunca mais veria...
Quando lhe passou um corpo esquelético...
De uma caveira libidinosa e esguia.

Sentiu os vermes agitando seus restos,
E, o que podia, rígrado ficou...
Aqueles insidiosos e mal falados gestos
De vergonha o defunto corou.

Conheceram-se biblicamente,
Com requintes de perversa luxúria,
Aquele colosso subia, impavidamente,
Na caveira, na mais insana penúria.

O sol ligou o dia,
Tudo fora como sempre foi...
O cachorro late, o gato mia,
Grasna o pato, muge o boi...

A caveira e o morto,
abandonando o próprio nexo,
Fizeram kamasutra corar,
Em meio ao interminável sexo.

... e morreram felizes para sempre!!!

Oração da Tempestade

As vezes chove tanto,
E, sem nada para fazer,
Talvez se virarmos sapos
Teremos moscas para comer...

Chuvas, ventos e moscas:
São lamúrias de gemer,
Vidas com almas toscas,
Só nos fazem envelhecer!

Um cego, um pobre, um estudante,
Um elefante, um rato e um boi...
Um homem, um menino um amante:
Nunca seremos o que jamais se foi...

Vida molhada em seca morte,
Nos põe reflexos dialéticos,
Nos fez viver a qualquer sorte...
Olhos vazios, perfis estéticos.

Tão pouco se vive a morte,
Nada poderemos lamentar,
Um martelo que esmague, uma faca que corte:
Chuvas, moscas... olhos a lacrimejar!

Bendita seja a serpente,
Que nos salvou do paraíso:
Um lugar pobre, decadente...
(Que fiquem os céus com o prejuízo).
Fim de chuva, sol nascente,
Não queremos este prejuízo,
Um amante cego, rato decadente...
E a serpente? Para sempre no paraíso.

FINALMENTE:

Há alguns anos ouvi alguém dizer que o contrário de morte não é vida, mas sim, amor. Esta máxima torna ainda as coisas mais difíceis pois, se morte inicia com a extinção da vida, onde o amor entra nessa história? Os teístas se locupletavam com estas afirmações pois, se deus é amor, a vida seria esse resultado... pelo menos, até que a morte os separe! Mas, se a vida é a vontade dos deuses, quem teria a vontade sobre as vidas das divindades? Ou melhor eles (Eles?) são vivos? E as baratas e os vermes, também usufruem dos desejos do além? Seria a vida consciente ou, até mesmo inconscientemente temos (ou vivemos) a vida? Somos proprietários ou apenas usuários da (nossa) vida? Acabei de ver uma menina abraçando seu pai, e se ele fosse fulminado por um ataque cardíaco, como essa criança interpretaria a vida desde então? Não tenho respostas, não tenho certezas... mas não seriam essas dúvidas a razão da própria vida? A propósito, existe alguma razão para se viver? A vida é um repleto de paradoxos, uma vez que ela só se mantém com o final de outras vidas e, parece, que a morte (também seja lá o que ela for) é a única prova que um dia o defunto viveu, em outras palavras, a eternidade é mórbida, e os imortais são,

possivelmente, “inviventes”, irrelevantes! Poucas coisas nos são claras, mas algo que parece incontestável é que a matemática da vida é composta somente de números inteiros, ou seja, não existem vidas fracionárias, algo como meia vida. A vida é quântica, discretizada, descontínua, a vida é completa. Seria o nascer o primeiro lapso de vida? Caso sim, o que ela seria antes do nascer, ou melhor, a vida já era antes do nascer? Alguns crêem e, como dizia o apóstolo Paulo “... a fé é o firme propósito naquilo que não se vê...”, prefiro a esperança, a possibilidade ou, como já disse, prefiro a dúvida, portanto o que seria o exato momento após a vida e antes da morte? Aliás, temos uma razoável noção de quando a morte inicia, porém, ela tem fim ou é imortalmente eterna? Somos seres que permanecemos entre dois vácuos de tempos: o passado e o futuro, pois o presente, enquanto não aconteceu é futuro e, no momento que acontece, já é passado... não seria a vida algo, perturbadoramente, semelhante?

Carta Póstuma – David Coimbra, Canalha eterno!!

Caxias do Sul, 30 de maio de 2022

Meu querido David,

Amigos: assim orbitava tua vida.

Aliás, posso não ter sido o teu melhor amigo, mas, com certeza absoluta, tu foste o meu.

Estou, neste momento, me recuperando de um homérico porre (com direito a coma alcoólica e UPA) de 48 horas...

Algumas reticências esclarecedoras. Lágrimas etílicas em tua homenagem.

Como é que tu inventa de morrer, logo numa sexta-feira? Isso não tá certo.

A visão do teu féretro não faz parte da minha vida.

Sempre soube que eras um canalha, mas morrer (e numa sexta-feira!) foi a galhofa da tua vida?

Canalha, tu és imortal (ou pelo menos deveria ser).

Há 50 anos tu faz parte da minha vida...

Pensei até em fazer uma vaquinha pra te angariar anos de vida — cada amigo te cederia um ou mais anos, dependendo da disponibilidade.

Pai do céu, tu viverias mais uns dez mil anos!

Tu sempre foste meu candidato à presidência — e eu, teu ministro aleatório.

Nossa quadrilha cor-de-rosa começaria reformando o Brasil e, logo depois, o mundo, que seria transformado num colossal IAPI.

Lembro aqui algumas palavras que somente os iniciados entenderão:

Percorreríamos manadas de WOLFREMBAYERS, fugindo de hordas de ROQUEPROTES, todas bradando BALANTINES, ao som da viola de 12 cordas do XICO TRAGO, enlouquecendo DONA DIVA...

Logo após, em alguma instância de Cachoeira do Sul, representaríamos Geni e o Zepelim.

Eu, é lógico, seria a Geni; o PLISNO (comendo um naco de queijo) era o enorme Zepelim,

e todos os restantes atuariam como vorazes atiradores de bosta.

Logo numa sexta? Que sacanagem.

Sexta é dia de EDELWEISS, de MAZZA, de LILIPUT, de ALALAÔ...

Sexta não é dia de morrer.

Aliás, pra ti, nunca é dia de morrer.

Não vou chorar no teu féretro.

Não vou carpideirar.

Nem bradar salmos de sétimo dia.

Nada disso.

Guardarei tua imagem num bar qualquer, com um belo e cremoso chopp,

e uma porção de batatas fritas nadando em óleo e brancas de sal.

Vou sofrer de saudade.

E saudade é a maior prova de amor que conheço.

Queria estar errado e te encontrar novamente.

Mas quis o destino me absolver de qualquer fé...

E me entupir de esperanças.

Diz o poeta:

“Amigo é coisa pra se guardar no lado esquerdo do peito...”

Além disso, te guardaremos nos nossos copos —

e nas nossas palavras.

Outras palavras... todas palavras.

Com eterna amizade, ao irmão que escolhi,

Fernando Belissimo

“Ser analista é habitar o intervalo. É fazer morada entre o dito e o não-dito, entre o que ressoa como grito e o que se dissolve em silêncio.”

Entre textos poéticos, ensaios curtos, reflexões clínicas e existenciais, esta obra se constrói como um mosaico de fragmentos — pedaços de uma formação que se dá mais na escuta do que na leitura, mais na presença do que no saber acumulado.

Fernando Belissimo escreve com a alma de quem já escutou muito antes mesmo de se sentar atrás do divã.

Para estudantes, analistas, curiosos ou apenas leitores em busca de sentido, este livro é um convite:

ouvir-se e deixar-se atravessar.
